

mais do que esses volumes, o barulho feito pelos artigos de fundo da **Cidade do Rio**.

Quanto ao seu **Mota Coqueiro**, inocentando o réu, que morreu na forca sem que o salvasse a habitual complacência do trono, ter-se-ia originado da confissão de um velho, na hora extrema. Se fosse ouvido dos juizes do falso assassino, não padeceria ele a execução desonrosa...

Os que estudaram seriamente o caso asseguramos que Patrocínio inventou a testemunha fatal. Só existiu na facilidade de idealizar o mito e na coragem de atirá-lo ao público do formidável folhetinista, a quem não interessava a virtuosa veracidade da História: em vez da pesquisa, sensaborona, punha a fábula sedutora! Aliás, sabemos que o Imperador só se decidiu a aprovar a condenação de Mota Coqueiro porque isso impuseram tribunais sucessivos e, afinal, conveio

Subir ao espaço,
o último sonho
do lutador.

de rispida de quem exige pela condição cordial de quem agradece; e saiu...de mãos vazias.

A anedota desvenda-lhe a angústia financeira — que todavia não obistou o seu apetite de progresso, saciado pelo automóvel, com que desafiou a preguiça do bonde carioca, e pelo balão, que se ombrearia com os de Augusto Severo e Santos Dumont nos ares da Pátria.

Metera-se no subúrbio. No quintal, guardava as peças da aeronave, que era o seu sonho. Como que a terra se estreitara, vulgar e pequena para o gigantismo

E AVENTURA.

o Conselho de Estado, unanimemente, que devia ser enforcado, concordando com o apelo vingativo da população de Campos.

Audácia criadora, desse mestre da demagogia nativa que foi o estrondoso José do Patrocínio? Não; afirmação de sua psicologia romântica.

Para ele a verdade não morava fora de sua cabeça afogueada; residia no seu espírito fecundo. Debalde lhe incriminaremos as leviandades, em meio aos merecimentos. Longe de ser um mentiroso, era um advogado, que substituíra a prova ausente pela construída, descoberta ou achada nos arcanos da imaginação; a "sua", em contraste com a "outra", que lhe embarçaria o largo passo da conquista, do êxito, do feliz resultado.

Que lhe importava o fingimento, se servia à humanidade? Na questão do criminoso campista, o que se jogava e pretendia era liquidar a pena máxima que suspendera Mota Coqueiro ao patíbulo. Nem que para conseguí-lo tivesse de improvisar o ancião penitente, a balbuciar o arrependimento para a perplexidade da magistratura e a ferocidade da Lei!

É no abismo da irrealidade que mergulha, pobre, indomável, deslumbrado pelas novidades que no começo do século espantam o mundo.

Os que trabalham no seu jornal suplicam o pagamento dos salários atrasados. Diz-se que um jovem redator entrou furioso no seu gabinete: queria a todo preço o ordenado. Patrocínio fez-se de indulgente. Perguntou-lhe quanto ganhava. E logo: tão pouco para o seu valor, inacreditável! Pois está aumentando...O rapaz trocou a atitude

que lhe estourava a alma engenhosa: a sua aspiração é agora o vôo. Ambicionara o tempo, precipitando a Liberdade; conquistaria o espaço, afundando nele de borco da barquinha do seu dirigível. De orador irresistível passara a dominador das esferas. Concebeu uma angelização técnica: o senhorio do azul. Sobre a mediocridade do que existe, a superioridade do que sobe; rumo ao infinito: onde a fúria dos meteoros sugere a vizinhança da eternidade...

O seu balão, está visto, nunca se levantou do chão. Extinguiu-se antes que o titã afundasse na nuvem, e o gênio fosse bater nas portas de Deus.

Morreu, aos 56 anos de idade, quando - na manhã de 29 de janeiro de 1905 - escrevia o artigo. O colapso arrebatou-lhe a pena sem terminar a frase; subitamente; antes de poder despedir-se da vida com a eloquência que o afamara, o que foi lamentável e, pior, deixando sob o telheiro o balão que encheria de júbilo o Brasil.

Nesse fracasso apagou-se a estrela de José do Patrocínio. Das que rutilam no firmamento garantem os astrônomos que, depois de mortas, brilham até trezentos anos...

Combina o cálculo com a glória desse prodigioso mitônimo, que na trajetória sideral semeou a "igualdade humana", exterminando a escravidão: a luz que irradiava continua viva, clareando a treva das senzalas, e os roteiros da generosidade nacional.

Pedro Calmon é historiador, membro da Academia Brasileira de Letras, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Autor de numerosas obras sobre História do Brasil.

